

culturas ancestrais e contemporaneidade

Reluto em usar este espaço para divulgar minhas próprias atividades para que esta coluna não se torne autorreferente. Vou quebrar o jejum não para falar propriamente de algo que fiz, mas para fazer uma reflexão desencadeada pela mais recente exposição que curei, Cerâmicas do Brasil, em cartaz até o dia 18 na A Casa - Museu do Objeto Brasileiro, em São Paulo. A mostra tem a intenção de apresentar um olhar transversal sobre a vibrante produção atual de cerâmica em nosso país, juntando em pé de igualdade produções normalmente vistas como universos estanques.

Da criação indígena pinçamos os wauja, ceramistas do Xingu, com suas panelas de vários formatos e tamanhos e ricos grafismos, e os suruí, de Rondônia, com peças minimalistas. A influência indígena está presente nas panelas capixabas, das Panelas de Goiabeiras, cujo ofício integrou o primeiro registro de Patrimônio Imaterial no Brasil. Outra comunidade artesanal representada é o povoado do Muquém, antigo quilombo em União dos Palmares (AL), por meio de Irinéia Nunes da Silva e seu marido, Antônio Nunes. A mineira Inês Antonini, com sua releitura do barroco; a capixaba Heloisa Galvão, com peças de porcelana líquida; a paulista Sara Carone, com obras que tiram partido dos cacos antes desprezados de seu ateliê; e o carioca Brunno Jahara, com seus ready-made, completam a seleção.

Cada selecionado com certeza seguraria uma mostra individual. Nosso objetivo, contudo, foi colocar suas criações lado a lado no mesmo espaço para que uma iluminasse a outra, ajudando na sua apreciação e compreensão. O resultado, a meu ver, compôs um mosaico de enorme riqueza e força poética, não só pela qualidade de cada uma, mas também pelas conexões que a junção sugere.

Em seu texto em O Estado de S. Paulo, Antonio Gonçalves Filho foi direto ao ponto: "O conjunto dessas peças reitera não só a ligação entre as culturas ancestrais e a contemporaneidade, como elimina a separação entre artesanato e arte". Nesta edição da Bambúo dedicada à inovação e ao futuro, penso que a síntese de Gonçalves Filho é muito oportuna, pois ela deixa claro que as culturas ancestrais não pertencem apenas ao passado.

No presente, nomes importantes das artes visuais e do design brasileiros têm incorporado a influência indígena e popular em seus trabalhos. Essa movimentação toda é, basicamente, muito boa. No entanto, está na

hora de enfrentarmos alguns pontos ensejados por ela. Em primeiro lugar, é preciso questionar a persistência do preconceito, na medida em que a imprensa e o status quo só se abrem para o criador popular – seja ele indígena, morador de uma favela ou de uma comunidade rural – quando suas produções são "validadas" por nomes midiáticos do establishment da arte, como Ernesto Neto e Adriana Varejão, ou do design, como os irmãos Campana, Marcelo Rosenbaum e Ronaldo Fraga.

'a exposição apresenta um olhar transversal sobre a vibrante produção atual de cerâmica em nosso país, juntando em pé de igualdade produções normalmente vistas como universos estanques'

Em segundo lugar, é preciso refletir sobre o que é uma apropriação indébita e o que é um diálogo respeitoso, satisfatório para ambos os lados. O caso recente de uso de padrões gráficos dos wajápi por um designer para a elaboração de papéis de parede acende o sinal de alerta. Os belíssimos motivos gráficos desse povo indígena do Amapá têm forte conteúdo simbólico, relacionado a seus mitos e cosmologia. Os wajápi não gostaram da apropriação. "Eles têm reservas muito peculiares sobre o uso desses motivos por terceiros, pois não se consideram seus donos, mas apenas os guardiões do que lhes foi mostrado por seres mitológicos primordiais, em passado muito distante", explica a arqueóloga e curadora Cristiana Barreto. Amparados pelo fato de que os padrões já haviam sido registrados como Patrimônio Imaterial Brasileiro, pelo Iphan, e Internacional, pela Unesco, os índios conseguiram sustar a produção e a comercialização do papel, e a tiragem inicial foi destruída.

Na exposição Cerâmicas do Brasil, as produções indígenas e populares são apresentadas sem mediações, na sua força intrínseca e autônoma. Tenho chamado essa junção de meu pequeno manifesto por uma visão não hierarquizada da cultura, e faço coro às palavras da musicista Magda Pucci, do grupo Mawaca, em discussão nas redes sociais decorrente da mostra: "Demorou muito para começarmos a perceber as contribuições culturais e a riqueza estética dos kaxinawa, paiter suruí, xikrin, kamayura, kayapó e os tantos outros 280 povos que vivem aqui e sequer sabemos seus nomes. Um dia quero estar viva para ver essas culturas todas embrenhadas nas vidas das pessoas, olhando com orgulho de onde viemos". Eu também!

Veja mais

Cerâmicas do Brasil
A Casa – Museu do Objeto Brasileiro, São Paulo, até 18 de outubro
acasa.org.br



Presente e passado

No alto, de cima para baixo: peças dos índios wauja, do povo suruí e da ceramista Heloisa Galvão e beijo retratado pelos alagoanos Irinéia e Antônio Nunes. À esquerda, os itens maiores com grafismos também são dos wauja, e a cerâmica minimalista, dos suruí. Ao lado, cerâmica de Brunno Jahara. Na outra página, trabalhos dos wauja e de Heloisa Galvão e panela das Panelas de Goiabeiras.